

# **EDUCAÇÃO E CULTURA: uma análise das representações político-culturais da capoeira em livros didáticos de história do Ensino Fundamental.**

Robson Carlos da Silva

## **RESUMO**

Este artigo, apresenta os resultados de uma pesquisa desenvolvida no curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal do Piauí que analisou as representações político-culturais da capoeira nos livros didáticos de História de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, adotados nas escolas públicas municipais de Teresina-PI, centrando nossa reflexão no livro didático da 6ª série, por ser neste obra que se encontram as informações históricas do período identificado como surgimento da prática da capoeira no Brasil. Utiliza as teorias do campo de conhecimento dos Estudos Culturais, que trazem uma relevante contribuição para o estudo das estratégias e políticas da formação de identidade e de representação da cultura dos diferentes grupos sociais, e realiza uma análise dos discursos que compõem os textos e imagens dos livros didáticos selecionados para o estudo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, a partir de estudo bibliográfico sobre o tema desenvolvido, cujos resultados demonstram que as representações político-culturais da capoeira, nestes livros, são marcadas pelo silenciamento e pelo esquecimento e, quando muito, aparece atrelada à idéia de folguedo ou dança folclórica, descontextualizada e desfragmentada de seus valores e fundamentos mais tradicionais. No decorrer do estudo verificamos que as escolas necessitam promover a construção e implementação de um currículo contextualizado, que resgate e prestigie os valores das culturas dos grupos minoritários, para que possa proporcionar o atendimento integral a todos, indiferente de raça, cultura ou condição sócio-econômica.

### **Palavras-Chave**

Educação, Cultura, Representação político-cultural, Estudos Culturais, Capoeira.

### **Introdução**

Esta pesquisa, que parte da problemática “Quais as representações político-culturais da capoeira nos livros didáticos de História, de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, adotados em escolas públicas municipais de Teresina-PI?”, objetivou investigar as representações político-culturais da capoeira, enquanto um artefato cultural aqui nascido e desenvolvido durante o processo histórico-cultural dos negros africanos trazidos da África, nos livros didáticos de História de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, adotados no período 2002-2003, em escolas públicas municipais de Teresina-PI.

A “representação político-cultural” é aqui entendida enquanto expressão de algo, ou de alguém, em um texto literário, numa imagem, ou em qualquer forma de expressão artística, lingüística ou discursiva, onde o importante é como o “outro” é representado por aqueles que detém o poder de representar significados, de dizer algo ou algum a coisa sobre si mesmo e sobre os demais, valorizando e colocando como centrais os seus valores e na “margem” os valores e ideais dos “outros”. As representações político-culturais são, portanto, aqui entendidas como as noções estabelecidas discursivamente, estabelecendo significados legitimados e validados segundo as relações e conexões de poder estabelecidas socialmente.

Optamos por conduzir a nossa trajetória metodológica, por meio da perspectiva dos Estudos Culturais que, como coloca Silva (2002), procura efetivar uma equiparação entre os diversos tipos de conhecimentos, onde toda forma de conhecimento deve ser valorizada, pois são processos de expressão dos mais diversos tipos de significados, estando intimamente ligados às relações de poder, cada qual lutando por definir e legitimar as subjetividades e identidades que produz.

Os Estudos Culturais, como afirmam Nelson et al. “[...] se aproveitam de quaisquer campos que forem necessários para produzir o conhecimento exigido por um projeto particular.” (1998, p.9). Isto implica que os Estudos Culturais utilizam-se de muitos campos do conhecimento produzidos e evidenciados atualmente, para efetivar a produção a que se dispõe, não se prendendo a nenhuma metodologia específica, a nenhum tipo de análise que se julgue apropriadamente e definitivamente sua, evitando a adoção acrítica de qualquer disciplina formalizada academicamente, porém sem negar previamente o emprego de metodologias tradicionalmente aceitas pela academia. (op. cit., 1998).

Ressaltando que o foco de interesse desta investigação foi voltado para a análise de textos didáticos, optamos por uma pesquisa qualitativa, centrada na perspectiva da Análise de Discurso, tal como proposto por Amaral (1999, 2001) e Orlandi (1999), dado o fato de que esta perspectiva trata de processos de significação e remete para o entendimento de que todo discurso é produzido em determinado contexto histórico-social e se constitui de formações ideológicas.

Como o nosso interesse central foi efetivar uma investigação sobre os livros didáticos escolares, por meio do emprego de uma análise dos discursos e imagens contidos

nos textos didáticos, com o intuito metodológico de desvelar as representações político-culturais e possíveis silenciamentos sobre a capoeira, identificados nestes manuais escolares, fizemos a escolha pelo trabalho com os livros didáticos de História, do Ensino Fundamental, adotados em escolas públicas municipais de Teresina-PI, por entendermos ser nestes livros onde se encontram sistematicamente organizadas, segundo a lógica organizacional dos currículos escolares, as informações sobre a história brasileira e, conseqüentemente, onde se poderia identificar a presença da capoeira como instituição cultural socialmente estabelecida.

Nosso olhar por uma análise das representações político-culturais sobre a capoeira deu-se pelo fato de entendermos ser esta manifestação uma das que mais representa a luta de resistência do negro escravo no Brasil, tendo se constituído numa instituição político-cultural de luta, resgate e fortalecimento identitário da cultura negra em nossas terras, perseguida até quase sua extinção, devido a importância que despertava aos olhares dos poderes dominantes da época, e hoje fortemente enraizada em nossa cultura e significativamente presente no mundo inteiro, inclusive enquanto instrumento pedagógico de grande potencial formativo desenvolvida como esporte ou mesmo como atividade complementar do currículo das escolas, ou ainda por meio de projetos que aproximem sua prática às atividades escolares. (BARBIERI, 1993; BRUHNS, 2000; CAMPOS, 1990, 2001; FREITAS, 1997; PIRES, 1996; SILVA, 1993; SOARES, 1994, 2002; VIEIRA, 1995; ZUCHETTO, 2002).

### **Recorte do Campo Objetal**

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise de livros didáticos de história, do Ensino Fundamental, tendo como primeiro critério que fossem obras adotadas em escolas públicas municipais de Teresina, identificados a partir de pesquisa realizada junto ao Departamento de Assistência ao Educando (DAE), da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), por meio de acesso ao Quadro demonstrativo da escolha do Livro Didático que, por sua vez, é fruto da seleção de obras apresentadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e escolhidas pelos professores de História nestas escolas.

A opção pelo estudo sobre as obras utilizadas no universo da escola pública ocorreu devido à necessidade, destacada no referencial teórico da pesquisa, de se pesquisar e refletir sobre os direcionamentos que se têm dado no tratamento da cultura no contexto de nossas escolas, notadamente a partir das novas diretrizes curriculares apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), principalmente nas escolas públicas, por ser nestas escolas que se encontram crianças e jovens pertencentes às camadas menos favorecidas de nossa sociedade, no tocante ao acesso de formas diversificadas de culturas, aqui incluído o acesso à ciência e aos mais novos meios tecnológicos.

De posse das informações fornecidas pela SEMEC, e seguindo os critérios de escolhas eleitos na pesquisa, nossa seleção dos livros didáticos para análise apontou para a coleção *História e Vida Integrada*, de Nelson e Claudino Piletti, da Editora Ática, que por sua vez teve 09 indicações como primeira opção e 10 como Segunda opção.

Para garantir que as análises efetivadas contemplassem apenas os aspectos de interesse da pesquisa, assim como uma maior legitimidade dos resultados, foram analisados somente os textos referentes à história do Brasil, no período compreendido entre a chegada dos primeiros escravos africanos no Brasil até a época atual, sendo considerados apenas, no corpo destes textos, aspectos que tratem da cultura dos negros escravizados, destacando-se as lutas de resistência; costumes e tradições; danças, música e folguedos; além de qualquer aspecto que envolvesse a capoeira, buscando justamente identificar possíveis ausências e possíveis silenciamentos, de tão significativo artefato cultural, no corpo mais geral da cultura brasileira.

A categorização das análises efetivadas foi realizada a partir da fundamentação teórica, dos objetivos da pesquisa e das compreensões sobre as informações obtidas nas análises, o que nos levou a efetivar uma confrontação entre as informações contidas nos textos recortados dos livros didáticos, grupo de textos que consideramos objeto principal da investigação da pesquisa, e as informações contidas em obras de pesquisadores e estudiosos sobre a capoeira, grupo tomado como secundário porém como significativo subsídio para a fundamentação das asserções levantadas, com o objetivo de tornar claro a relevância da capoeira na sociedade brasileira.

Neste sentido, tomamos como subsidiárias na fundamentação do corpus teórico da pesquisa as obras: *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-*

*1850* (Editora Unicamp, São Paulo, 2002) e *A negregada Instituição: os capoeiras na corte Imperial, 1850-1890* (Divisão de Editoração da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 1994), do historiador Carlos Eugênio Líbano Soares; *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850* (Companhia das Letras, Rio de Janeiro, 2000), da historiadora americana Mary C. Karasch, da Oakland University; e *Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência* (EDUFBA, Salvador-BA, 2001), de Hélio José Bastos Carneiro de Campos, Doutor em Educação Física, da American World University (Iowa-USA).

Na busca de garantia por uma maior fidedignidade ao estudo, fizemos uso dos seguintes passos na análise efetivada: a) escolha dos textos a serem analisados; b) transcrição detalhada dos pontos de interesse identificados nos textos; c) codificação dos textos a partir das categorias determinadas pelas questões da pesquisa; d) análise propriamente dita, estruturada em dois momentos: exame da regularidade e variabilidade nos textos (codificação) e criação de hipótese sobre as funções específicas dos discursos analisados.

Feitos os esclarecimentos sobre as diretrizes metodológicas que nortearam esta pesquisa, passaremos à exposição e análise dos dados, informando que as análises aqui apresentadas são referentes aos estudos efetivadas nos livros de História da 6ª série do Ensino Fundamental, partindo do entendimento de que é nos livros de 6ª série que mais se enfatiza a questão cultural e social da presença negra no Brasil, notadamente no período entre a colonização e o Império, momento em mais podemos perceber a relevância e forte presença da capoeira nas tramas sociais da época, e muito embora perceba-se uma mudança atual em termos de organização e distribuição de conteúdos, é ainda nesta série que, geralmente, se situam os conteúdos referentes à história do Brasil, nos livros didáticos de História.

### **Análise e compreensão das representações político-culturais da capoeira nos textos didáticos do livro de História da 6ª série do ensino fundamental**

No livro didático da 6ª série somente no capítulo 10, “Os Portugueses na América”, a História do Brasil começa e ser focalizada nas informações, tratando mais

especificamente sobre a chegada dos portugueses ao Brasil, com ênfase na cultura dos povos indígenas e sem destaque de nenhum ponto importante para a pesquisa.

O capítulo 13, “Portugal explora a colônia americana”, aborda algumas riquezas naturais do Brasil que viraram produtos de valor comercial para os portugueses, como por exemplo, o Pau-brasil e a lavoura de Cana-de-açúcar para a produção de açúcar, fazendo-se necessário para a concretização destas culturas, a construção de engenhos para a fabricação e o emprego de trabalhadores permanente. É neste momento que Portugal adota o trabalho escravo, de negros africanos, na colônia do Brasil.

Os textos e gravuras do referido capítulo, com informações “secas” e “fragmentadas”, remetem para o entendimento sobre a realidade do trabalho escravo no Brasil, destacando costumes da cena social dos engenhos e do esforço despendido por negros e negras no trabalho diário, mas em nada remete para um entendimento sobre o emprego da tortura, por exemplo, no trabalho desenvolvido no engenho. A leitura que se faz leva à compreensão da existência de um clima de trabalho duro, vigiado, porém sem enfatizar a prática do terror da opressão, do castigo e da humilhação humana que predominava nestes ambientes. Um olhar um pouco distraído, ou mesmo desatento, poderá se deparar até com um certo “humanismo” do senhor de escravos, que tende mais a um sentimento “paternalista” do que de opressor.

A capoeira, já neste período, estabelecia-se como forma de luta dos negros contra a escravidão, que realizavam fugas e se organizam em grupos para atacar espaços rurais

O escravo se mostrava evidentemente superior na luta, pela agilidade, coragem, sangue-frio e astúcia, aprendidas ali [...]. E tiravam partido disso, tornando-se assim extraordinariamente ágeis e muito comumente um homem desarmava uma escolta, punha-a em desordem, fazendo-a fugir. [...]. A causa dessa superioridade, que, na luta corpo a corpo, mostrava o refugiado na capoeira, explicavam os da escolta que estava em saber e aplicar o foragido um jogo estranho de braços, pernas e tronco, com tal agilidade e tanta violência, capazes de lhe dar uma superioridade estupenda. Espalhou-se, então, a fama do ‘jogo da capoeira’, depois chamada capoeiragem. (SILVA, 1993, p. 13).

No entanto, ao contrário do que poderíamos supor, nenhum aspecto das lutas de resistência do contingente de trabalhadores escravos apontados no texto é destacado neste capítulo. Esta não representação dentro do corpo de conteúdos escolares de uma cultura forjada no bojo da tradição de um povo, numa situação histórica de profunda desvantagem

e desqualificação social, próprio do estado de escravidão, imposto por um povo sobre outro e que marcou significativamente não somente aspectos históricos e culturais, mas, acima de tudo, significou a base de toda a economia e riqueza de uma nação, remete ao que Santomé (1998) classificou de silenciamento da cultura ou das vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados e, conseqüentemente, de abusiva presença das culturas denominadas de hegemônicas.

No capítulo 15, “Relações sociais na colônia: escravidão”, são abordados aspectos da viagem dos navios negreiros da África para o Brasil; a dedicação à comercialização dos escravos por parte dos comerciantes portugueses; a origem étnica dos africanos escravizados, destacando os bantos (Angola, Moçambique e Congo) que se instalaram no Centro-Sul e no Nordeste brasileiro e os sudaneses (Guiné, Nigéria e Costa do Ouro), levados principalmente para a Bahia.

Neste capítulo, nos tópicos O cotidiano do trabalho escravo, Conflitos culturais e Os Escravos resistem: formas de luta contra a escravidão, são destacados aspectos bastante interessantes sobre a condição do negro escravo no Brasil e os conflitos, culturais e sociais, próprios da preconceituosa relação de convivência entre pessoas livres e pessoas escravizadas, aspectos estes que poderiam “dizer” muito sobre a presença da capoeira como instituição cultural marcial negra e sua importância no processo de luta contra a escravidão e a favor da liberdade. Vejamos no tópico 3 O Cotidiano do trabalho escravo:

No terceiro parágrafo deste tópico, identificamos uma afirmação sobre a fuga dos escravos, que diz assim: “Os escravos viviam e trabalhavam vigiados por capatazes e feitores. Quando fugiam, eram perseguidos pelos capitães-de-mato, que recebiam certa quantia por escravo capturado e devolvido ao senhor.”. Como destacado em passagens anteriores, são muitos os relatos de pesquisadores sobre a significativa presença da capoeira enquanto uma verdadeira instituição de luta de resistência contra a situação de escravidão negra no Brasil, desde sua origem até o fim “oficial” da escravidão no Brasil, se estendendo, mesmo, até os dias atuais, inventando novas formas de resistência frente às atitudes de preconceitos que ainda persistem em nossa sociedade, notadamente em aspectos que envolvem a cultura negra.

Carvalho (1999) chama a atenção para o fato de que a origem da capoeira, enquanto forma de resistência, está relacionada diretamente aos aspectos cotidianos destes

escravos no Brasil. Para esta autora, a capoeira era um instrumento de libertação do negro contra um sistema dominante e opressor do colonizador branco europeu, refletindo a busca de liberdade de um povo escravizado e explorado e que

Nas senzalas, era praticada nos momentos de folga e para os senhores não desconfiarem de que aquilo era um combate, aliaram aos golpes a ginga e a música. Nas fugas para o quilombo foi muito útil para os escravos nas lutas contra os capitães-de-mato e capatazes. Os negros ficavam escondidos na mata e quando os capitães-de-mato chegavam esperavam a hora certa para atacá-los. Nas batalhas para a destruição dos quilombos a capoeira também foi de grande valia para os negros. (1999, p. 25).

Na tradição da capoeira, convencionou-se ensinar que esta cultura surgiu da ânsia por liberdade dos negros africanos escravizados no Brasil, pois, a partir do momento em que eram proibidos de carregar armas, os negros conceberam e sistematizaram uma luta para conquistar e defender sua liberdade cujo nome deriva do fato de que, ao fugir, o negro escravo era perseguido e, se algum capitão-do-mato o alcançasse, e tentasse enfrentá-lo, procurava refugiar-se nos espaços de mato ralo e descampado, denominado capoeira, onde certamente derrotava seu algoz, pois ali tinha todo o espaço que sua luta pedia, numa prática que claramente fazia parte do cotidiano dos escravos em nosso país.

Outro autor que enfatiza a importância da capoeira como luta de resistência presente no cotidiano do período histórico destacado é Soares, que nos chama a atenção para o fato de que “Mais que um fato de resistência escrava (que, é sim, relevante), a capoeira informa das transformações étnicas e culturais que envolveram escravos e libertos, africanos e crioulos, na cidade colonial, na passagem para a metrópole imperial.” (2002, p. 25).

Porém, apesar da inegável presença da capoeira no cotidiano dos escravos no Brasil e o destaque que os estudiosos dão à sua origem marcial, não há, no texto analisado, nenhum comentário sobre o emprego da capoeira como luta de resistência e arma de defesa, por parte do negro escravo em fuga em confronto com os capitães-de-mato.

No tópico 4, Conflitos culturais, há uma ênfase na situação de abandono dos costumes e valores a que os negros eram sujeitados, para que, conseqüentemente, pudessem adotar novos hábitos que eram impostos por seus donos, destacando, por outro lado, a



capacidade deste povo em manter viva muitas de suas tradições, como podemos observar na passagem transposta;

O texto comenta que a imposição de valores do dominador português centrada no cerceamento da liberdade de um povo, apesar de levar a uma mescla entre os hábitos europeus e africanos, o que favoreceu sobremaneira a construção de hábitos típicos de nossa cultura, acabou provocando movimentos de resistência e contraposição por parte dos negros africanos que se esforçavam para manter viva sua cultura, principalmente fugindo, lutando ou mesmo se matando. Como exemplo de resistência e manutenção de sua cultura são destacados alguns rituais e cerimônias culturais como festas e enterros.

Estes aspectos, formas de resistência do povo negro no Brasil, são aprofundados no tópico 5, Os escravos resistem: formas de luta contra a escravidão, na página 133. Neste tópico, no entanto, é enfatizado somente o aspecto da fuga e organização nas comunidades dos quilombos, sem destacar nenhuma linha sequer sobre a capoeira, luta marcial do negro, notadamente nos momentos de fuga e confronto corpo-a-corpo com seus perseguidores. É de estranhar tal ausência, quando, além dos pesquisadores citados, são muitas as estórias, contos e cantos da capoeira que retratam a capoeira, sua origem e sua tradição, como o principal artefato cultural do povo negro de combate, a luta de resistência dos escravos fugidos contra seus algozes.

Muitos pesquisadores e estudiosos das tradições rebeldes no Brasil, destacam a evolução da capoeira no contexto político e cultural brasileiro, assim como o papel dos capoeiras em diversos movimentos e conflitos políticos e sociais, como por exemplo, Soares quando afirma que: “O sentido da denominação ‘capoeira escrava’ não foi forjado para definir uma prática cultural excludente de negros libertos e ou livres, mas uma tradição rebelde que tinha fortes raízes escravas, as quais davam seu recorte, e ‘seduzia’ aqueles de outra condição social e jurídica, por sua maleabilidade e resistência.” (2002, p. 25).

Quando os discursos escolares, notadamente aqueles contidos nos conteúdos dos livros didáticos, deixam de enfatizar aspectos tão relevantes da História da cultura negra, da cultura do povo, ou deixam ainda de contar a História a partir do “olhar” e da compreensão das pessoas comuns, pertencentes a grupos sociais minoritários e sem poder para recontar a História “oficial”, podemos perceber a existência de uma política de representação, no sentido desenvolvido por Costa (2001), ou seja, um processo de luta ou disputa, por meio

de conexões de poder, pelo direito de produzir significados, pelos discursos, sobre o “outro”, propagando estes significados, ideologicamente, como legitimados e validados.

Poderíamos afirmar, segundo nosso entendimento sobre a concepção trabalhada pela autora, que as representações político-culturais são estabelecidas enquanto noções que tentam impor determinadas concepções da realidade, valores, ideais, formas de comportamentos, como centrais, verdadeiras, que devem ser tomadas como referência, assumindo um caráter de “naturais”, “normais”, enquanto tentam descentralizar outras concepções, tomando-as como “excêntricas” ou “exóticas”, fora do conceito “legítimo” de normalidade que assumem para si.

Giroux (1997) comenta que no currículo escolar, nas formas textuais, são produzidos e postos em circulação linguagens, valores ideológicos e determinadas práticas que legitimam e privilegiam algumas formas de conhecimento e não outras, valores e aspectos de um grupo e não de outro e que, portanto, urge que professores e estudantes desconstruam os significados que estão silenciosamente embutidos nos conteúdos dos materiais escolares, nas imagens e narrativas.

Uma das formas de exercer controle sobre a produção de narrativas é silenciar, estereotipar, deformar ou negar a cultura dos grupos minoritários ou marginalizados, exatamente por não terem força política, nem legitimidade social e cultural, para falarem de sua cultura, de sua concepção de mundo, seus valores e ideais.

Ao analisarmos mais detidamente o tópico 5, Os escravos resistem: formas de luta contra a escravidão, podemos perceber, mais claramente, como foi citado anteriormente, um silenciamento sobre a importância da capoeira como luta de resistência do negro escravizado, sua relevância e sua significância no contexto histórico ressaltado.

Este silenciamento ou “esquecimento” pode demonstrar um claro objetivo ideológico de negar a concepção de mundo de grupos ou pessoas não detentoras de poder, em não representar sua cultura, falar sobre sua compreensão da História, poder recontar a História “oficial”.

Esta postura, revela aspectos daquilo que Santomé (1998) denomina de currículo de turistas, currículos nos quais a informação sobre os grupos marginalizados e sem poder é apresentada de maneira superficial, deformada e centrada em fatos descontextualizados.

Detendo nosso olhar sobre uma gravura de Debret, Enterro de um negro, na parte inferior da página 133, do livro analisado, vamos identificar que a capoeira, embora silenciada no texto, estava bastante presente como tradição cultural do povo negro.

A gravura retrata um ritual tradicional dos escravos, o enterro, onde, dentre as manifestações e personagens mostrados, destaca-se um negro executando um movimento bastante característico da capoeira, um movimento de acrobacia denominado “Aú”, que ao ser executado imediatamente é creditado à prática da capoeira, principalmente para quem já teve a oportunidade de presenciar uma roda ou demonstração de capoeira.

Fica claro, por meio da observação sobre a gravura destacada, que a capoeira fazia parte das manifestações cotidianas dos negros no Brasil, constituindo-se em uma manifestação cultural que acompanha os rituais e tradições deste povo. O autor da obra, retratada por meio da gravura destacada no livro didático analisado, revela aspectos importantes desta tradição cultural para os olhares mais atentos e mais “interessados” em conhecer a cotidianidade do povo negro em nossas terras, notadamente suas maneiras de resistir diante da escravidão.

Neste ponto, podemos identificar aspectos da concepção de Silva (2002) sobre o currículo enquanto campo de luta em torno da significação e da identidade. O autor diz que podemos entender o currículo e o conhecimento escolar como campos culturais, sujeitos à disputa e à interpretação, visto que ambos são invenção e construção social e material humana e que, por isso mesmo, não podem ser compreendidos fora das relações de poder que legitimam que determinado tipo de conhecimento e de conteúdo façam parte dos materiais escolares presentes nos currículos escolares.

É neste sentido, que podemos compreender o total silenciamento sobre a capoeira como parte de um jogo de poder, característico de uma política cultural unilateral, tendenciosa para o lado hegemônico da sociedade, onde os negros, que só teriam utilidade para o trabalho escravo, jamais poderiam ser representados como agentes de transformação histórica, que lutavam pelo fim da escravidão e pela igualdade, não por meio da institucionalização de movimentos organizados e de resistência mas sim, quando muito, pela fuga ou na manutenção silenciosa de sua cultura escondidas em seus rituais, cerimônias e festas. E assim, a capoeira, cultura cada vez mais presente nos dias atuais, continua negada, escondida, esquecida ou silenciada nos discursos escolares.

## **Considerações Finais**

As análises efetuadas na presente pesquisa, evidenciam uma negligência no que se refere ao tratamento dispensado, no livros didáticos investigado, à questão da História da cultura negra no Brasil, em especial e particularmente no que tange à presença da capoeira, sua influência e sua contribuição na construção da identidade cultural brasileira.

Constatamos que nas representações político-culturais sobre a capoeira predomina o silenciamento a respeito de sua presença na História do Brasil, não existindo qualquer citação que identifique a institucionalização desta cultura como um instrumento de defesa, organizada e desenvolvida como luta estratégica dentro do processo de resistência do povo negro africano contra o regime de escravidão que lhes foi imposto no Brasil.

Podemos concluir, a partir destas análises, que o silenciamento sobre a capoeira, cultura de uma etnia sem poder de representação, a etnia negra, constituiu-se numa estratégia de representação que favorece a construção de significações e de estereótipos negativos sobre sua prática, visto que o silenciamento sobre a contextualização de suas origens e do processo de evolução enquanto instituição urbana de resistência negra, o ocultamento sobre a importância política e a marcante afirmação identitária que seus praticantes foram galgando nos mais altos escalões do poder político brasileiro, contribui para a manutenção da representação do negro enquanto “povo inferior”, “insubordinado”, “atrasado” intelectual e culturalmente, “nascido para o trabalho” e necessitando sempre do auxílio e da “boa” condução do senhor branco europeu preocupado com sua “evolução”, levando as pessoas que se identifiquem como pertencentes dessa etnia a não desenvolverem atitudes positivas que favoreçam a construção de sua identidade atrelada às tradições culturais destes povos, ao contrário, podendo inclusive sentir vergonha ou culpa de sua origem étnica, ou mesmo desenvolver atitudes de autonegação.

## **Referências Bibliográficas**

BARBIERI, Cezar. **Um jeito brasileiro de aprender a ser**. Brasília: DEFER/CIDOCA/DF, 1993.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, Carnaval e Capoeira, entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas-SP: Papyrus, 2000.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Escola**. Salvador: Presscolar, 1990.

\_\_\_\_\_. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: SCT, EDUFBA, 2001.

CARVALHO, Letícia Cardoso de. A perseguição e proibição da capoeira. **Praticando Capoeira**, São Paulo, n. 5, ano 1, p. 20-23, nov. 1999.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e política cultural. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **O Currículo nos limiares do contemporâneo**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba-PR: Editora Gráfica Expoente, 1997.

GIROUX, Henry. **Os professores com intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NELSON, Cary. et. al. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998, p. 7-38.

ORLANDI, Emi Puccinelli. **Discurso e leitura**. 4. ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP/Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas-SP: Pontes, 2001.

PIRES, Antônio Ciberac C. Simões. **A Capoeira no jogo das cores: criminalidade, cultura e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1891-1937)**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Centro de Ciências Humanas e Letras (História), 1996.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **As Culturas negadas e silenciadas no Currículo**. In: **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação**. 2 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Capoeira, do Engenho à Universidade**. São Paulo: USP, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. **A Negregada Instituição**: os capoeiras no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1994.

\_\_\_\_\_. **A Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850)**. 2 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2002.

VIEIRA, Sérgio Luiz de Souza. **O Jogo da Capoeira: cultura popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

ZUCHETTO, A. T. et.all. **A Capoeira como meio favorável ao desenvolvimento da criatividade e socialização de PNE'S**. 9º Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos países de Língua Portuguesa. São Luís-MA, 2002.